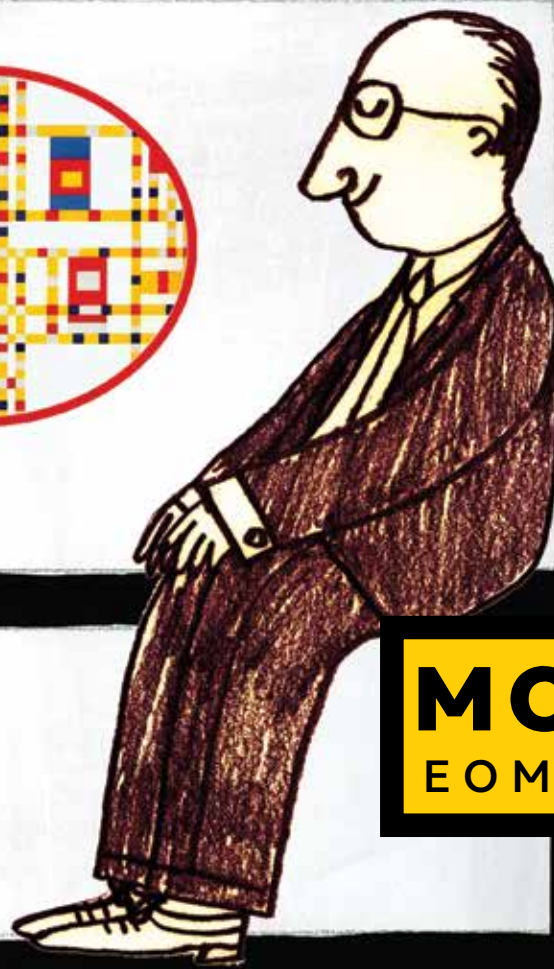


Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina



MONDRIAN

E O MOVIMENTO DE STIJL

PROGRAMA CCBB EDUCATIVO
AÇÕES MEDIADAS

Quando se fala na Holanda, muita gente pensa nos campos de tulipas, nos chapéus brancos com abas triangulares e nos tamancos pontudos de madeira. Esses calçados aparentam ser pesados, mas são bastante leves e têm uma grande vantagem quando comparados aos sapatos de couro ou de pano: não molham! Por essas e outras características, os tamancos de madeira são populares há mais de 500 anos. Meu país também é chamado de Países Baixos e uma boa parte dos meus compatriotas mora abaixo do nível do mar. Estar seco é uma preocupação numa terra pantanosa. Os moinhos de vento movem as bombas d'água que drenam os terrenos alagados, cercados pelos diques. Eles estão nas telas de pintores como Rembrandt. O pai dele era proprietário de um moinho. Eu mesmo pintei muitos.



NA PÁGINA DE ROSTO

PIET MONDRIAN [1872-1944]

Composição com grande plano vermelho, amarelo, preto, cinza e azul, 1921



Sou Pieter Cornelis Mondriaan, ou apenas Mondrian. Prazer. Nasci em 1872, em uma pequena cidade no centro da Holanda. A vida era bem dura, e o dinheiro, pouco. Mamãe tinha uma saúde frágil, e minha irmã mais velha, Johanna Christina, com menos de 10 anos, muitas vezes ajudava em casa e cuidava dos meus três irmãos menores. Como menino mais velho, herdei o nome do meu pai e também seu talento. A arte estava no sangue. Meu tio era artista profissional e papai fazia litogravuras para a Igreja Protestante. Litogravuras são desenhos feitos em pedras que podem ser repetidos em várias impressões.

Aos 20 anos, meu pai pediu que uma família de Amsterdã me hospedasse para eu estudar na Academia de Belas-Artes da cidade. Decidi ser artista e viver disso, mas não era nada fácil. Saudade do tempo dos Mecenas, quando reis, ricos e poderosos comerciantes, bispos, banqueiros e até papas financiavam os artistas. Quem teve essa ótima ideia foi o conselheiro do Imperador Otávio Augusto, Caio Mecenas, lá no século I antes de Cristo. Grande cidadão romano esse Caio Mecenas! Na Itália, os Médicis - que eram banqueiros - e o Duque de Milão Sforza, em Veneza, patrocinaram tantos artistas... Leonardo da Vinci, Michelangelo, Rafael e Botticelli eram sortudos.

Eu, que não era o protegido de nenhum mecenas, tampouco herdeiro de uma família abastada e com 22 anos levava pouco, ou melhor, pouquíssimo dinheiro no bolso, vivia contando os trocados. Fiz todo tipo de trabalho: desenhos para salas de aula, retratos, cópias de pinturas de museus e até bactérias para ilustrar livros.



PIET MONDRIAN
Fazenda com salgueiros ao longo do Gein,
1902-1904

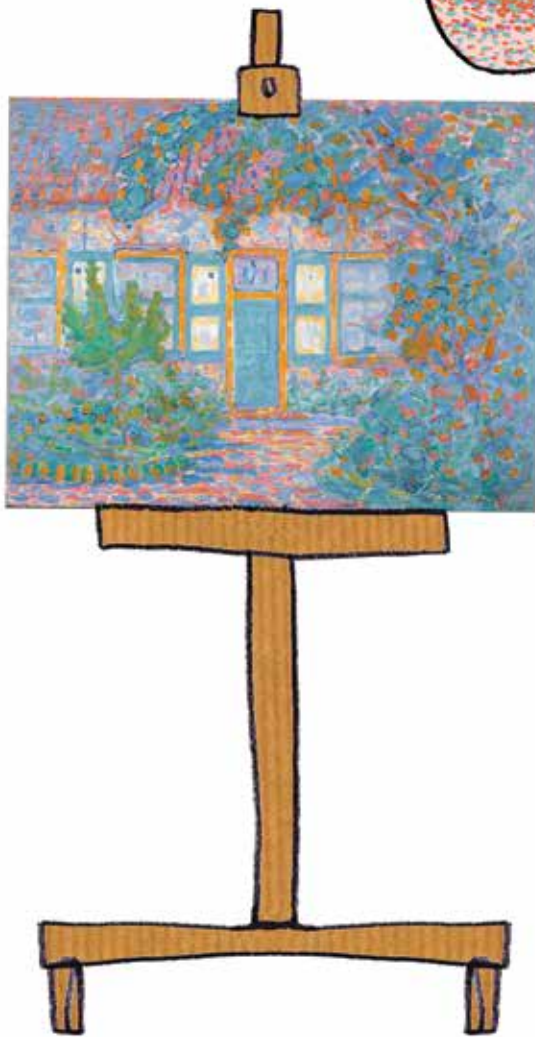
Na Holanda, a tradição era pintar paisagens. Como bom holandês, eu fiz o mesmo. Retratei fazendas, moinhos, igrejas, e consegui vender um pouquinho, mas o que sempre me rendeu dinheiro a vida toda foi pintar flores. Talvez vocês achem essas telas um pouco tristes, mas é só a luz dos Países Baixos. As árvores, a cor do céu, o mar têm tons mais escuros e pesados, que nós artistas chamamos de cores rebaixadas, bem diferentes das cores vivas e tropicais do Brasil.

Estava justamente trabalhando com cores carregadas e até sombrias, em uma fase noturna, quando percebi que as paisagens não precisavam representar o real, que a pintura podia expressar o que eu sentia. Essa descoberta foi um salto na minha carreira, pois comecei a pensar na arte como criação, e não imitação. Então as cores mais alegres chegaram às minhas telas.

Inspirei-me no meu conterrâneo holandês, Van Gogh. Seus quadros pareceram chocantes na época. Vocês já viram pinturas do período do Renascimento? Os pintores tentavam fazer a cena parecer o mais real possível, como se o quadro fosse uma janela. Aí veio o Van Gogh com uma camada grossa de tinta, deixando claro que o que estamos vendo é pintura. Ele não tentava esconder as pinceladas - nem poderia, com tanta tinta que usava, especialmente a amarela. Muitas vezes chegava a espremer a tinta diretamente do tubo sobre a tela. O quadro estava lá, na parede do museu, e conseguíamos imaginá-lo pintando. A tela guardava a memória de seus gestos, dramáticos como um ator de teatro, quase violentos...

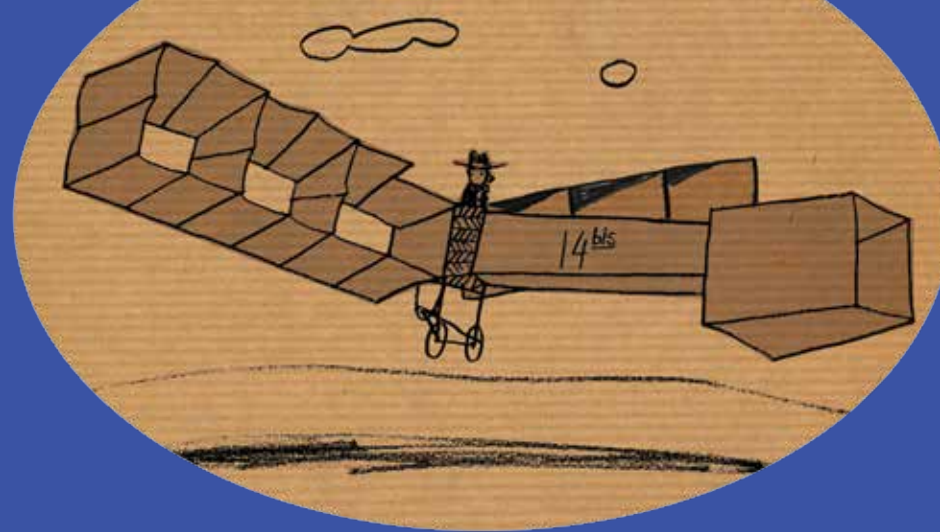


PONTILHISMO!



Experimentei o pontilhismo do francês Georges Seurat. Diferente de Van Gogh, que pintava rápido, Seurat apresentava uma obra meticulosamente planejada e executada. Sua tela “Domingo na Grande Jatte” custou-lhe dois anos de trabalho e mais de 60 esboços. Sua técnica era colocar inúmeros pontinhos um do lado do outro, usando apenas cores puras, sem antes misturar as tintas na paleta, como costumávamos fazer. Como esses pontos ficam muito próximos, nossos olhos juntam dois deles, e enxergamos um efeito mais vibrante, como se as cores estivessem cintilando em um dia de sol quente. Seurat estava mais preocupado com a harmonia das cores e seu efeito no observador do que com a paisagem retratada.

PIET MONDRIAN
Casa à luz do sol,
1909



O mundo estava começando a girar mais depressa, podíamos sentir. Os trens já cruzavam a Europa neste novo século. Descobertas, como a eletricidade, chegavam à casa das pessoas. O telégrafo ainda era uma novidade e já surgia o telefone! Eu tinha 34 anos quando o brasileiro Santos Dumont voou pela primeira vez com o aeroplano 14-Bis e 35 quando a fotografia colorida foi inventada. Eram os primeiros anos de 1900. No século XX, a arte, assim como a vida, mudaria muito.

Minhas telas ganharam cores vivas, bem diferentes das cores rebaixadas que costumava usar. Ainda retratavam paisagens figurativas, mas agora as formas das árvores inclinadas sobre as águas estavam distorcidas, e os céus, ampliados em tons mais quentes. Em 1908, pintei “Paisagem Perto de Oele”, que mostra uma floresta com o sol poente no fundo. Os galhos das árvores criam um efeito parecido com o do vitral de uma igreja. As cores exuberantes agradaram o público de Amsterdã, e acabei ganhando certa fama na Holanda.

E então me mudei para Paris, a cidade-luz para onde iam todos os artistas. Conheci Pablo Picasso e Georges Braque no momento em que os dois estavam fundando o Cubismo. A proposta do movimento era desconstruir a figura, misturando pontos de vista. Em uma pintura de um rosto cubista, por exemplo, os olhos e a boca podiam estar de frente, e o nariz, de perfil, como se fosse possível estar em duas posições ao mesmo tempo. E por quê? Os pintores não tinham mais a obrigação de retratar o real, pois a fotografia agora fazia isso. A pintura podia ser apenas pintura.

No início do Cubismo, as cores que os artistas escolhiam eram parecidas, para que não desviassem a atenção do espectador. O objetivo era que contemplássemos a obra antes que nossa razão procurasse identificar a figura. Percebi a força da linha, eliminei as cores fortes e escolhi, como Braque, os castanhos, cinzas e azuis-claros. E a partir daí iniciei minha pesquisa, que era bem diferente da deles.



Escolhi um tema, a árvore – e depois os emaranhados de casas de Paris –, e me pus a experimentar. Anotava minhas reflexões nos cadernos de esboço. Transformava as curvas em linhas mais retas e aos poucos ia eliminando a figura. Estava caminhando em direção à abstração.



PIET MONDRIAN
Composição árvores I,
1912



Fui excluindo os detalhes, e as cores voltaram. Linhas e cores ganharam força e ritmo. Em 1912, me interessei pelas fachadas com andaimes de construções de Paris. Tinha 40 anos, e a geometria começava a dominar meu trabalho. Linhas, muitas linhas, até as ondas do mar se transformaram em traçados verticais e horizontais na série “Pier e Oceano”, que pintei um pouco depois.

Quando meu pai ficou doente, tive que retornar à minha terra natal. Teve início a Primeira Guerra Mundial e, por alguns anos, não pude viajar para a França. Reencontrei meu amigo Theo van Doesburg, que também estava experimentando a pintura abstrata, e juntos criamos a revista *De Stijl*. Tínhamos temperamentos muito diferentes, mas dizem que os opostos se atraem, não é? Eu, reservado e disciplinado; Theo, impulsivo, entusiasmado e sempre aberto a discutir.

Algumas pessoas devem me achar mal-humorado, mas sou igual ao nosso herói Guilherme – o Taciturno, Príncipe de Orange, Conde de Nassau, que lutou contra os espanhóis pela independência dos Países Baixos. Guilherme – o Taciturno era, na verdade, apenas calado ou reservado! Aliás, vocês sabiam que, apesar de a nossa bandeira tricolor ter as cores vermelha, azul e branca, os jogadores de futebol vestem a camisa laranja em homenagem ao Príncipe de Orange? Sei muita coisa a respeito das cores, como vocês podem ver.

Piet Zwart [1885-1977]
Página da brochura *Trio*,
1931

Com todo o sofrimento que a Primeira Guerra Mundial causou, nós artistas começamos a pensar que deveríamos fazer algo para modificar a sociedade. Na revista *De Stijl* (que quer dizer “O Estilo” em holandês), defendíamos nossas ideias espirituais e artísticas. A arte não deveria mais reproduzir o mundo das coisas, das figuras. A beleza pura e o equilíbrio seriam alcançados apenas com as linhas retas (horizontais e verticais) e as cores azul, amarelo, vermelho, branco, preto e cinza.

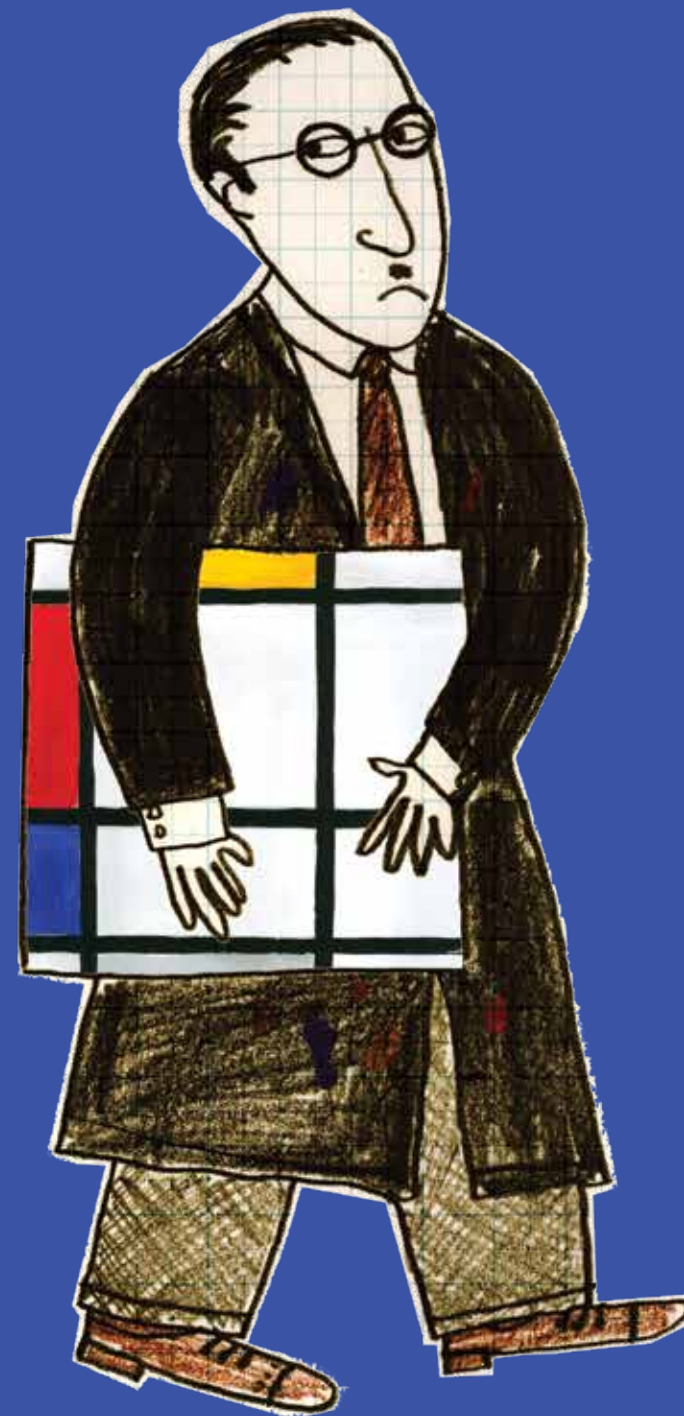
Imagine se uma casa pode ser parecida com um quadro. Claro que pode! Os arquitetos deixaram de imitar os edifícios clássicos e construíram casas, um hotel e um café seguindo esse pensamento, que inclusive era econômico e funcional sem deixar de ser muito bonito. Adoro a cadeira vermelha e azul projetada por Rietveld!

Gerrit Rietveld [1888-1964]
Cadeira Vermelho Azul,
1923



Um dia, Theo abandonou as linhas horizontal/vertical e começou a usar a diagonal. Ah, isso era demais para mim! Terminei nossa amizade.

Com o fim da guerra, voltei a Paris. Em meu ateliê na Rue du Départ, eu trabalhava sem parar, quase não ia aos cafés como outros artistas. Mas amo ouvir música! Eu tinha um lindo gramofone, o primeiro aparelho reproduzidor de sons que utilizou discos. Para fazê-los tocar, precisava rodar a manivela do gramofone depressa, não tinha essa facilidade de ligar na tomada e muito menos baixar músicas no telefone celular. Ouvia música e praticava passos de dança no estúdio. *Charleston*, tango e *foxtrot*. Adorava as coreografias dos ritmos dos anos 1920. Não espalhem, mas em Amsterdã tive até lições na Escola de Dança.



Meu ateliê tinha apenas o essencial, nada supérfluo. Minha família era muito religiosa: ordem e equilíbrio fazem parte da minha personalidade. Não guardava nem os livros que lia. Mantinha somente alguns números da revista *De Stijl* e uns dois ou três livros que me eram mais queridos. Os móveis eu fazia de caixote, pintados de branco. Aplicava os princípios da *De Stijl* em meu espaço. As paredes eram pintadas de cores primárias e conversavam com as telas dispostas nos cavaletes. As pessoas gostavam de vir ao meu ateliê e fotografá-lo, mas eu não gostava muito de sair em fotos!



PIET MONDRIAN
Dois copos de leite,
1918

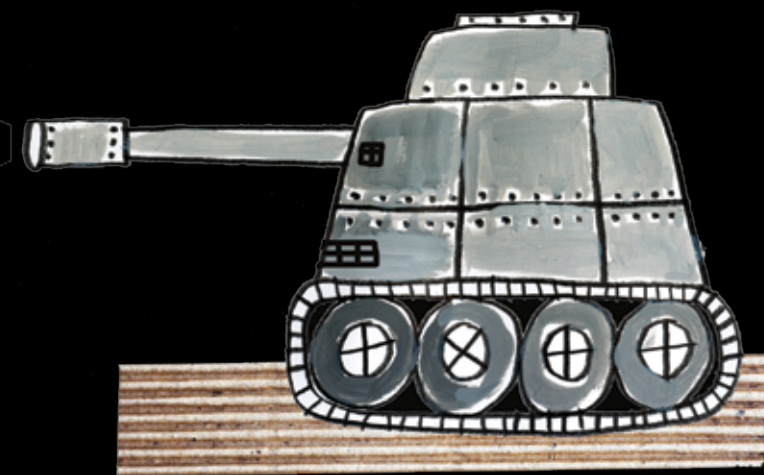


PIET MONDRIAN
Composição nº3 com planos de cores,
1917



Como meus quadros geométricos não vendiam em Paris, pintava aquarelas de flores que agradavam a clientela. Crisântemo, dalias, calêndulas, cravos-de-defunto, girassóis... as mesmas flores que já estavam nas minhas telas na Holanda.

Arte
Degenerada



Em 1933, não me esqueço, o partido nazista chegou ao poder na Alemanha. Hitler e seus generais passaram a determinar o que era certo e o que não podia existir no mundo. Estabeleceram que a única forma correta de pintar era representando fielmente a realidade, valorizando cada detalhe do retrato ou da cena pintada.

E tudo aquilo que o partido entendesse como errado, entre os livros e quadros produzidos, poderia ser queimado. Que medo!

Tudo que fosse um pouquinho fora do padrão, como uma pincelada mais forte, um nariz meio torto, uma árvore com cores diferentes ou uma paisagem embaralhada, era considerado “degenerado” – palavra estranha. É um termo usado para as coisas que perdem qualidade.

Não teve jeito: eu me vi um degenerado.

Em 19 de julho de 1937, na cidade de Munique, na Alemanha, foi inaugurada a exposição “Arte Degenerada” com pinturas, esculturas, livros, gravuras e desenhos – um total de 650 obras. O governo nazista quis mostrar à população exemplos do que seria uma arte indesejável, prejudicial ao povo alemão. E adivinhe? Dois quadros meus estavam lá.

Acredito que, para se atingir a espiritualidade na arte, deve-se usar o mínimo possível de realidade, porque o real é o oposto do espiritual. Nós modernos prezamos pela liberdade. Como você já pode imaginar, nós e os nazistas não nos entendíamos muito bem. Por isso, em 1938, decidi sair de Paris e ir para Londres continuar criando possibilidades na pintura.

Meu irmão, Carel, pôde acompanhar minhas andanças pela cidade. Enviei a ele muitos cartões-postais, alguns de pontos turísticos, como a Torre de Londres, outros com ilustrações da Branca de Neve e os Sete Anões. Eu adorava botar para tocar a música dos anões no meu ateliê, porque assistimos ao filme da Disney juntos em Paris, no início de 1938, e essa memória sempre me fazia sorrir. Queria fazer o mesmo por ele, então escrevia que a Branca de Neve veio limpar meu quarto e que esquilos desenharam nas minhas paredes usando as caudas como pincéis. No final, em vez de assinar “De: Pieter / Para: Carel”, assinava “De: Soneca / Para: Atchim”.



Foi em Londres que comecei a pintar quadros com o nome de lugares de cidades que me acolheram durante a Segunda Guerra Mundial. O primeiro se chama “Trafalgar Square”, uma praça muito movimentada que fica em um cruzamento. Na tela, a data está escrita assim: 39 – 43. Sabe por quê? Criei essa tela em 1939 e voltei a pintá-la anos depois, quando até já morava em outro país.

Em 1940, o partido nazista alemão bombardeou a cidade. A janela do meu quarto foi estilhaçada por uma bomba, e fiquei assustado. Meu amigo americano Harry Holtzman sugeriu que eu fosse para os Estados Unidos. Contou-me que já haviam se mudado para lá vários outros artistas e intelectuais europeus que pensavam de forma parecida com a minha e me convenceu a ir morar na América. Mas não foram só os artistas que ficaram com medo do nazismo, muita gente decidiu fugir para os Estados Unidos, entre eles o físico Albert Einstein.



Eu preferi ir de navio. De jeito nenhum pisaria em um avião! Precavido, usei durante toda a viagem um colete salva-vidas, o que não é muito elegante nem confortável, mas teria sido bastante útil no caso de algum acidente no percurso, não é?

Fiquei feliz ao chegar a uma nova terra e ser recebido com tanto entusiasmo. Como era bom ouvir jazz, ver a arquitetura e as cores vibrantes de Nova Iorque! Tudo isso me inspirou a abandonar o preto e usar só as cores primárias. Fiz uma série de quadros dedicada à cidade, entre eles um chamado “Broadway Boogie-Woogie”, de 1942, em homenagem ao estilo musical de blues com piano, tão diferente do que se ouvia na Europa.

Em 1943, só quando eu tinha 70 anos, é que foi realizada em minha primeira exposição individual, em Nova Iorque, cidade em que morei até o fim. Mas a história não termina aqui, as linhas e cores dos meus quadros ainda podem ser vistas por aí: *design*, decoração, artes plásticas, cinema. Tantos artistas “beberam da minha fonte”. Eu, que me vestia sempre de maneira formal, e até para pintar usava terno e gravata, nunca imaginei que fosse inspirar a moda! Na década de 60, as mulheres puderam “vestir um *look* Mondrian”. Um dos nomes mais importantes do mundo *fashion*, o estilista Yves Saint-Laurent, tinha em casa um quadro meu. Acredite se quiser, ele desenhou uma coleção de vestidos baseada nas composições geométricas que criei. E minha arte desfilou na passarela.





MONDRIAN AND THE DE STIJL MOVEMENT

Story and Storyline
Daniela Chindler

Illustrations
Mariana Massarani

When talking about Holland, many people think of the tulip fields, the white hats with triangular tabs and the pointy wooden shoes. These shoes seem to be heavy, but they are actually pretty light and have a great advantage over leather or fabric shoes: they do not get wet! For this and other reasons, the wooden shoes have been so popular for over 500 years. My country is also called Netherlands and a great number of my compatriots actually live under the sea level. Keeping yourself dry is something to worry about while on swampy lands. Windmills move the waterbombs that drain the swamps, surrounded by dikes. The mills are present at the painters artworks. Rembrandt's father used to own a windmill. I have painted many of them.

I am Pieter Cornelis Mondriaan, or just Mondrian. Pleased to meet you. I was born in 1872, in a small town in the center of Holland. Life was pretty hard and money was short. Mom had fragile health and my older sister Johanna Christina, under 10 years old, for many times helped doing the chores at home and cared for my three younger brothers. As the older boy, I got my father's name and also inherited his talents. Art was in our

blood. Dad used to do lithographs to the Protestant Church and my uncle was a professional artist.

At 20, my father asked a family from Amsterdam to host me so I could study at the Fine Arts Academy in town. I've decided to be an artist and live of it, but it wasn't easy at all. I miss the old times of patroning, when kings, the rich and powerful businessman, bishops, bankers and even popes financed the artists. This great idea came from the emperor Otavio Augusto's counselor, Caio Mecenaz, back in century I before Christ. Such a great roman citizen, this Caio Mecenaz! In Italy, the Medicis – who were bankers – and Sforza Duke of Milan, in Venice, sponsored so many artists... Leonardo da Vinci, Michelangelo, Rafael and Botticelli were so lucky.

I, protected by no patron, nor heir of a wealthy family and only 22 years old carried short, I mean, very little money in my pocket, was always counting the change. I did all sorts of jobs: drawings for classroom, pictures, copies of museum paintings and even painted bacterias to illustrate books.

Here in Holland painting landscape is a tradition. As a good dutch man, I

did the same. I have pictured farms, mills, churches, and even sold some, but what has always given me money in my life was painting flowers.

You may find these paintings a bit sad, but that's just the Netherland's lights. The trees, the sky color, the sea have all got darker and heavier shades which us artists call dead - colors, very different than the lively and tropical colors of Brazil.

I was just working on heavy dark colors, during a shadowy period, when I realized the landscapes didn't necessarily have to represent the reality, that painting could express my feelings. Discovering that was a huge step in my career, as I started to think art as creation and not imitation. So the more cheerful colors came into my canvas.

I inspire myself in my fellow countryman, Van Gogh. His paintings seemed shocking back then. Have you ever seen old paintings from the Renaissance period? The painters tried to recreate the scene as realistic as possible, as if the painting was a window. Then comes Van Gogh with a thick layer of paint, making it clear that we are really looking at a painting. He wouldn't try to hide the brush strokes

– and how could he, with that much paint he used, specially yellow. For many times he even got to squeeze the paint tube straight on to the canvas. The artwork was there, on the museum wall, and we could imagine him painting it. The painting kept his gesture's memories, as dramatic as a stage actor, almost violent....

I tried the pointillism of french Georges Seurat. Unlike Van Gogh, who was a very fast painter, Seurat presented a meticulously planned and executed work. His painting "A Sunday on La Grande Jatte" costed him 2 years worth of work and over 60 drafts. His technique was to place a lot of small dots, one next to the other, using only plain color, without mixing the paints on the palette as we used to do. As these dots are so close to each other, our eyes mix them and we get this vibrant effect, as if the colors were shimmering on a hot sunny day. Seurat was more concerned about the harmony of colors and its effects in the observer than the pictured landscape.

The world was starting to turn faster, we could feel it. Trains were already crossing over Europe in this new century. Discoveries, such as the electricity, arrived at people's homes.

The telegraph was still a novelty when the telephone came up! I was 34 years old when brazilian Santos Dumont flew the 14-Bis airplane for the first time and 35 when color photograph was invented. It was early 1900s. In the 20th century, art, like life itself, would be a lot different.

My paintings gained vivid colors, very different than the dead-colors I was using before. Still portrayed figurative landscapes, but now inclined shapes of the trees over waters were distorted and the skies amplified in warmer shades. In 1908 I painted "Woods near Oele". The lush colors pleased the audience in Amsterdam, and somehow I became famous in Holland.

So I moved to Paris, the city of light where all the artists used to go to. I've met Pablo Picasso and Georges Braque at the moment they were both founding the Cubism. The movement's purpose was to deconstruct the figure, mixing points of view. In a painting of a cubist face, for example, the eyes and the mouth could be facing front and the nose sideways, as if it was possible to be in two different positions at the same time. And why? Painters were no longer obliged to picture the real, because photography now do

that job. The painting could be just a painting.

At the beginning of Cubism, the colors chosen by the artists were similar, so they would not distract the viewer's attention. The goal was that we contemplate the artwork before our mind tried to identify the figure. I realized the power of the lines, eliminated the bright colors and chose, as Braque, the brown, gray and light blue. And from that on I began my research, which was very different than theirs.

I chose a theme, a tree and then the tangles of houses in Paris and put myself into the experiment. I was writing my reflections in draft books. Turned the curves in straight lines and was slowly eliminating the figure. I was going towards abstraction.

I was deleting the details, and the colors were back. Lines and colors got power and rhythm. In 1912 I was interested in facades with scaffoldings constructions in Paris. I was 40 and geometry began to dominate my work. Lines, many lines, even the waves became vertical and horizontal strokes at the series Pier and Ocean that I painted short time after.

When my father got ill I had to return to my hometown. World War I began, and I couldn't go back to France for a few years. In Holland I met up again with Theo van Doesburg, and together we created the magazine De Stijl. We had very different temperaments, but they say the opposites attract each other, isn't it? I, reserved and disciplined; Theo, impulsive, enthusiastic and always keen for a discussion.

Some people may find me grumpy, but I'm just like our hero; William The Silent, Prince of Orange, Count of Nassau who battled against the spanish for the Netherlands's independance. William The Silent was, in fact, just quiet or reserved! By the way, did you know that, despite our flag being in three colors red, white and blue, our national football team wears the orange uniform in honor of the Prince of Orange? I know a lot regarding colors, as you can see. With all the suffering caused by the World War I, us artists began to think that we should do something to change society. In De Stijl magazine (that means "the style" in dutch) we defended our ideas, spiritual and artistic. Art must not reproduce the world of things and figures anymore.

Pure beauty and balance would be reached only by straight lines (horizontal and vertical) and the colors blue, yellow, red, white, black and gray.

Imagine if a house can look like a painting. Of course it can! The architects no longer imitate the classical buildings and built houses, a hotel and a café following this thought that was even economic and functional while being very beautiful. I love Rietveld's Red and Blue Chair.

One day Theo abandoned the horizontal/vertical lines and began to use diagonal. Ah, that was too much for me! I ended our friendship.

By the end of the war I returned to Paris. In my atelier at Rue du Départ I was working non stop, would hardly go to the cafes like the other artists did. But I love to listen to music! I used to have a gorgeous gramophone. The first ever sound playing equipment to use discs, to play it I had to turn the crank quickly, had no such facility as plugging it in the powerpoint let alone downloading music on mobile phones. I listened to music and practice dance

moves in the studio. Charleston, tango and Foxtrot. I used to love the choreographies of the rhythms in the 1920s. Don't share it, but in Holland

I even attended classes at the Amsterdam Dance School. In my atelier I only keep the essential, nothing superfluous. My family was very religious: order and balance are parts of my personality. Not even the books I read I kept. Only a few issues of De Stijl magazine and a couple of my favourite books is what I kept. The furniture I made of crates, painting them white. Applied the principles of De Stijl in my own space. The walls were painted in primary colors and talked to the paintings lying at the easel. People loved to come to my atelier and photograph it, but I never liked to be on the pictures!

In Paris my geometrical paintings weren't selling, that's why I painted watercolors of flowers that pleased the clients. Chrysanthemums, dahlias, calendules, marigolds, sunflowers... the same flowers that were in my works back in Holland.

In 1933, I cannot forget, the Nazi party got into power in Germany. Hitler and his generals started to determine

what was correct and what should not exist in the world. They established that the only correct way of painting was representing reality accurately, valuing every detail of the portray or scenery painted. And everything that the party understood as wrong among the books and paintings could be burned. So scary!

Everything that was a little bit different, as a stronger brushstroke, a crooked nose, a tree with different colors or a mixed up landscape, was considered "degenerated" – strange word. It's a term used to things that lost its quality. There was no other way: I was seeing myself as a degenerated.

On the 19th of July of 1937, in the city of Munich, Germany, the exhibition "Degenerated Art" was open with paintings, sculptures, books, prints and drawings – totalizing 650 pieces. The Nazi government wanted to show the population examples of what would be an undesirable art, harmful to the German people. And guess what? Two of my paintings were there.

I believe that to accomplish spirituality, we should use the less reality possible, because real is the

opposite of spiritual. We modernists cherish freedom. As you can imagine, we and the Nazis didn't get along too well. That's why in 1938 I decided to leave Paris and move to London, so that I could keep creating new possibilities for painting.

My brother, Carel, kept track of my wanderings around town. I've sent him many postcards, some from the city's sightseeings, such as the London Tower, but posted others Snow White and the Seven Dwarfs illustrations. I loved to put on the music of the dwarves to play in my studio, because we watched the Disney movie together in Paris in early 1938 and that memory always made me smile. I wanted to do the same for him, so I wrote that Snow White came to clean my room and that the squirrels draw my walls using their tails as brushes. At the end, instead of signing "From Pieter/ To: Carel" I signed "From: Sleepy/ To: Sneezzy".

It was in London that I started naming paintings after places of the city that welcomed me during World War II. The first one was called "Trafalgar Square", a busy square located at a crossing. On the painting, the date is written 39-43. Do you know why? I created this painting in 1939 and

Patrocínio

Banco do Brasil

Realização

Centro Cultural Banco do Brasil

Projeto Educativo

Sapoti Projetos Culturais

Coordenação Geral

Daniela Chindler

Coordenação

Geral de Produção

Fernanda Saul

Flavia Rocha

Gabriela da Fonseca

Coordenação Geral

Administrativa

Fernanda Galvão

PROGRAMA CCBB EDUCATIVO AÇÕES MEDIADAS

Coordenação Pedagógica

Karen Montija

Coordenação de Ações Educativas

Luciana Chen

Coordenação de Produção

Natália Salles

Estagiárias de Produção

Fabíola Ortiz

Educador Sapoti

Bruna Pessoa

Educadores Graviola

Anne Magalhães

Bruno Ramos

Izabela Mariano

Robson Rosa

Estagiários

Alexandre Pereira

Alexandre Taiki

Beatriz Barros

Bruna Emiliano

Bruno Lourenço

Jéssica Policastri

Letícia Epiphanyo

Lucas Puccini

Lucas Cominato

Maíra Sciuto

CCBB SÃO PAULO

Rua Álvares Penteado, 112

Centro, São Paulo - SP

(Próximo às estações do metrô São Bento e Sé)

Informações

(11) 3113-3651

bb.com.br/cultura

CADERNO DE MEDIAÇÃO

Redação

Daniela Chindler

Pesquisa

Luciana Chen

Roteiro

Daniela Chindler

Colaboração

Fernanda Saul

Gustavo Gavião

Jessica Policastri

Karen Montija

Ilustração

Mariana Massarani

Revisão

Marcela Lima

Tradução para inglês

Thais Saul

Projeto Gráfico

REC Design

EXPOSIÇÃO

Mondrian e o Movimento De Stijl

Temporada São Paulo

25 de janeiro a 04 de abril de 2016

Concepção e Coordenação Geral

Gemeentemuseum Den Haag,

Holanda

Frans Peterse

Art Unlimited

Pieter Tjabbes / Tânia Mills

Curadoria

Benno Tempel

Hans Janssen

Pieter Tjabbes

Agradecimentos

Gemeente Museum Den Haag

Het Nieuwe Instituut, Rotterdam

Centraal Museum, Utrecht

Rijksdienst Kunsthistorische

Documentatie, Den Haag

Consulado Geral do Reino dos

Países Baixos em São Paulo

Todas as obras que aparecem
nesse livro fazem parte da
*Coleção Gemeentemuseum Den
Haag, Holanda.*

Alvará de Funcionamento

nº 2015/12479-00

Auto de Vistoria do

Corpo de Bombeiros nº 194922



Educativo

Produção

Apoio

Realização



Ministério da
Cultura

